

O sentido da experiência da visita aos três maiores estádios de futebol em Portugal

Guilherme da Silva Magalhães

*Escola Superior de Educação Física,
Universidade Federal de Pelotas*

Pedro Amorim

*Centro de Documentação e Informação
do SL Benfica, Portugal*

Fábio Machado Pinto

*Escola Superior de Educação Física,
Universidade Federal de Pelotas*

Resumo

Os estudos sobre os ambientes esportivos, especialmente os estádios de futebol, vem ganhando grande notoriedade nas últimas décadas em função das transformações nas formas do torcer de quem frequenta esses ambientes e do próprio esporte, que mobiliza cada vez mais uma diversidade de capitais, em que aspectos econômicos, políticos, sociais e de identidade cultural se entrecruzam. Neste capítulo analisamos e refletimos sobre as experiências vividas em três dos principais estádios de futebol de Portugal, por um torcedor e estudante de Educação Física em iniciação científica participante do III Colóquio Internacional INCT Futebol, realizado em Portugal, em 2025. Essa imersão na cultura futebolística portuguesa faz parte do programa de estudo sobre estádios, sua pesquisa em curso, que consiste em cruzar as metodologias etnográfica e (auto) biográfica na análise desses ambientes esportivos e seu impacto na vida social urbana em diferentes cidades. No texto, registramos as observações diretas, somadas a outras referências, com ênfase em aspectos estruturais, históricos e culturais, destacando elementos que os tornam relevantes no cenário esportivo português. Cada estádio expressa identidades locais, tradições e diferentes formas de organização do espetáculo futebolístico. Além disso, são apresentadas curiosidades e características singulares encontradas ao longo das visitas, oferecendo um olhar contextualizado sobre a relação entre arquitetura, memória

esportiva e cultura do futebol. Estudo que nos remete a questões de pesquisa sempre abertas e que provocam novas investigações e reflexões.

Palavras-chave: futebol; estádios; experiência.

Abstract

Studies on sports environments, particularly football stadiums, have gained significant prominence in recent decades due to transformations in the ways of supporting among those who attend these spaces, as well as changes within the sport itself, which increasingly mobilizes a diversity of forms of capital in which economic, political, social, and cultural identity aspects intersect. In this chapter, we analyze and reflect upon the experiences lived in three of the main football stadiums in Portugal by a supporter and undergraduate student in Physical Education, engaged in undergraduate research and a participant in the III International Colloquium INCT Football, held in Portugal in 2025. This immersion in Portuguese football culture is part of a broader research program on stadiums currently underway, which consists of combining ethnographic and (auto)biographical methodologies in the analysis of these sports environments and their impact on urban social life in different cities. The text records direct observations, alongside other references, with an emphasis on structural, historical, and cultural aspects, highlighting elements that render these stadiums significant within the Portuguese sporting landscape. Each stadium expresses local identities, traditions, and distinct forms of organizing the football spectacle. In addition, curiosities and unique characteristics encountered during the visits are presented, offering a contextualized perspective on the relationship between architecture, sporting memory, and football culture. This study points to research questions that remain open, continuously provoking new investigations and reflections.

Keywords: football; stadiums; experience.

Introdução

Este capítulo¹ pretende problematizar o sentido da experiência de visita a três estádios de Portugal (além de uma infraestrutura denominada Cidade

1 Este capítulo foi escrito na primeira pessoa do singular, resultado da experiência do acadêmico Guilherme Magalhães, bolsista de iniciação científica da Fapergs, em texto escrito em parceria com seu orientador Fábio Machado Pinto e o historiador e arquivista do SL Benfica, Pedro Alexandre Amorim, que também assinam o capítulo. A opção pela

do Futebol, sede da Federação Portuguesa de Futebol), grandes palcos de tantas histórias e desfechos do futebol mundial, no contexto de um evento científico e acadêmico, realizado pelo INCT Futebol em 2025.² A experiência de ir aos estádios de futebol teve origem na minha infância, algo que herdei do meu pai, com sua mediação. A formação do sentido da experiência de ir ao estádio de futebol se desenvolveu ao longo da minha juventude e tornou-se meu objeto de estudo e pesquisa logo nestes primeiros anos da minha formação inicial.³ A ideia de elaborar este capítulo nasceu da intenção de produzir narrativas e refletir sobre as experiências vividas por um jovem nascido numa cidade do interior no extremo sul do Brasil e que sempre teve como seu principal ponto de interesse e lazer o futebol local e regional. Me chamo Guilherme e sou natural da cidade de Rio Grande, localizada no extremo sul do estado do Rio Grande do Sul, em uma distância de aproximadamente 200 quilômetros da fronteira com o Uruguai, pela cidade do Chuí. Esta cidade se inscreve na história do futebol brasileiro como uma das primeiras a sediar equipes e jogos da modalidade. O Sport Club Rio Grande é considerado a primeira equipe do sul do país, fundada em 19 de julho de 1900, data em que hoje se comemora o Dia Nacional do Futebol no Brasil, pela Confederação Brasileira de Futebol (Mascarenhas,

redação em diferentes tempos verbais se dá em função da pesquisa (auto)biográfica e da abordagem pesquisa-formação (Abrahão, 2004; 2012; 2018), como também pela noção de sentido que remete à experiência singular, à produção de uma narrativa associada às lembranças e a memória individual e coletiva que se produz no diálogo entre os autores do texto.

- 2 O presente capítulo retrata as visitas e experiências vividas nos três principais estádios de Portugal: o Estádio José Alvalade, do Sporting CP, e o Estádio da Luz, do SL Benfica, ambos na cidade de Lisboa, e o Estádio do Dragão, do FC Porto, na cidade do Porto. Além dos estádios, também é brevemente relatada a visita à Cidade do Futebol, complexo esportivo onde está sediada a Federação Portuguesa de Futebol.
- 3 Esta experiência de ir ao estádio mediada por adultos é recorrente na literatura da área (Laub, 2012). No plano pessoal, as lembranças de Guilherme vão ao encontro das de Fábio, que na sua infância costumava ir aos estádios da Pedra Moura (G.E. Bagé) e Estrela D'Alva (Guarani F.C.), ambos da Bagé (RS), com seu avô para assistir e torcer pelas equipes locais onde figuravam muitos jovens conhecidos, inclusive seus tios (Pinto, 2020).

2001, p. 22). Cresci em uma família simples, com raízes modestas e humildes. Minha relação com o futebol começou por conta do meu pai, que desde a primeira oportunidade que teve me levou para o caminho de torcer para o Grêmio e acompanhar os jogos da mesma forma como ele acompanhava na sua infância e adolescência.⁴ Então, lembro-me dele me pôr para dormir cantarolando o hino do Grêmio, mas também das inúmeras vezes que juntos fomos ao estádio Aldo Dapuzzo para assistir aos jogos do São Paulo Sport Club, clube tradicional da cidade. Assim que comecei a dar os meus primeiros passos, foi ele quem me transmitiu esse gosto e interesse, primeiramente por acompanhar e torcer pelo Grêmio F.B.P.A, de Porto Alegre, e, posteriormente, expandir isso para o futebol nacional e todo o cenário do esporte no estado e no país.⁵ Nesta atmosfera futebolística fui me tornando um aficionado pelo futebol, frequentador de estádios sempre que havia oportunidade. Todos os assuntos para mim, de alguma maneira, tomavam o rumo do futebol, diálogo que me absorvia – e parecia que o tempo nem passava.

Certa vez, o Grêmio jogaria em Curitiba, no Couto Pereira, e insisti com meu pai para acompanhar a partida. Ele não concordou em ir, mas me permitiu comprar as passagens de ida e volta de Rio Grande até Curitiba. Foi minha primeira vez viajando sozinho. A partida foi no dia 8 de junho de 2024, às 19h de um sábado. O meu ônibus saiu da rodoviária de Rio Grande às 19h30 de sexta-feira e chegou na capital paranaense às 14h30 de sábado.

4 Meu pai relata que em sua infância o interesse pelo futebol surgiu cedo. O futebol de botão, suas cores, formatos, sempre lhe chamou muito a atenção. Contudo, foi depois dos 20 anos que conheceu o Estádio Olímpico (Grêmio F.B.P.A), pois na década de 1980 meu avô não tinha esta condição. Reconheço hoje o privilégio que tive de poder experimentar grandes palcos do futebol nacional e partidas do meu clube de coração desde muito novo, com meu pai.

5 Esta é mais uma das coincidências entre os autores. Ambos foram levados a torcer pelo Grêmio F.B.P.A desde a infância. Uma tradição no Rio Grande do Sul, ou seja, dos adeptos de equipes do interior também escolherem uma das duas equipes da capital. Fábio teve seus tios como referência na base gremista e atualmente se dedica a estudar as memórias de seu tio Julinho Machado, ex-jogador e funcionário da equipe tricolor gaúcha.

Desembarquei e fui diretamente à Arena da Baixada, estádio do Athletico Paranaense, para realizar a visita guiada, a qual eu já havia comprado no dia anterior. Ao final da visita, solicitei uma corrida de aplicativo, fui para o Couto Pereira, estádio do Coritiba, para assistir à partida e, após o apito final, voltei à rodoviária para embarcar no ônibus que estava vindo do Rio de Janeiro e passaria em Curitiba às 23h, com destino a Rio Grande. Percorri mais de 1.000 quilômetros em 40 horas sem dormir, tamanha minha fascinação pelo futebol, pela experiência dos estádios e dos jogos.

O ingresso no Ensino Superior me permitiu aprimorar o olhar sobre o futebol em diferentes perspectivas, a ponto de considerar o futebol como um objeto de estudo, visto que não era talentoso e não me considerava habilidoso com a bola nos pés. Considerei algumas possibilidades, como cursar Jornalismo com o objetivo de escrever notícias, ser repórter de campo e atuar em partidas de futebol, ou ser locutor esportivo e narrar partidas de futebol, ou cursar Administração, para ser gestor de um clube de futebol, ou Nutrição, para trabalhar na cozinha e ser responsável pela alimentação diária de atletas de um clube de futebol, ou cursar Fisioterapia, para tratar atletas de clubes de futebol e trabalhar com a reabilitação dos jogadores. Enfim, penso que isso é expressão de uma relação de paixão e interesse pelo esporte bretão, independentemente de qual seria a formação e a profissão que seguiria. No momento de fazer a escolha do curso para o Ensino Superior, estava convicto de que queria estudar o futebol, trabalhar com a investigação do esporte, analisar o futebol como um fato social de grande amplitude e com impacto na sociedade brasileira. Essa era a maneira que eu já enxergava o futebol e pela qual gostaria de continuar estudando. Passei a tratar o futebol não apenas como uma paixão e um passatempo, mas como um objeto de estudo e pesquisa, com um mundo se abrindo com seus inúmeros profissionais, escritores e pesquisadores que passei a descobrir ao ingressar no projeto unificado InterPeriferias do Futebol e no INCT Futebol⁶

6 Para saber mais sobre o projeto unificado InterPeriferias do Futebol e sobre o INCT Futebol, respectivamente, acesse os links: <https://www.inctfutebol.com.br/>;

(Pinto; Lara; Vaz, 2024). As leituras e o grupo de estudo⁷, bem como a participação em eventos⁸ passaram a compor a ampliação dos estudos sobre autores que trabalhavam diretamente com o futebol, escrevendo sobre o assunto, pesquisando e produzindo, com base nesse esporte, etnografias e trabalhos antropológicos, sociológicos entre outros. A escolha do curso de graduação em Educação Física, ao analisar o cenário de produções acadêmicas dentro desse campo, veio confirmar minha aposta, um campo com uma vastidão enorme de diferentes temas de pesquisas, uma gama de produções e pesquisadores renomados e uma série de diferentes e interessantes áreas. Sempre me despertou também trabalhar na área da saúde, como meu pai (enfermeiro), então, também por este fato, a escolha pelo curso de Educação Física não era desconfortável para mim.

Em 2024, conquistei uma vaga para o curso de Educação Física na Universidade Federal de Pelotas (UFPel). Nesse momento, enfrento o desafio de mudança de cidade, para Pelotas, município distanciado 60 quilômetros de Rio Grande, cidade onde sempre morei com meus pais e minha avó. Mudança de hábitos, de círculo social, morar sozinho, aumento das responsabilidades, enfim, começava uma nova fase para ingressar no Ensino Superior, com um misto de ansiedade entre outros sentimentos. Desde os primeiros dias busquei me informar sobre projetos de extensão e pesquisa associados ao futebol. Na primeira seleção de bolsa de iniciação científica, soube do projeto unificado InterPeriferias do Futebol da ESEF/

<https://www.instagram.com/inctfutebol/> e <https://www.instagram.com/interperiferias.ufpel/>. Acesso em: 19 fev. 2026.

- 7 Uma das ações e atividades promovidas pelo projeto InterPeriferias do Futebol é um grupo de estudos com reuniões semanais que reúne os bolsistas do projeto. O foco da ação é proporcionar um momento de compartilhamento de ideias e novos estudos sobre a pesquisa e a literatura no campo do futebol. O primeiro livro estudado e debatido foi *Universo do Futebol*, de Roberto DaMatta (1982).
- 8 Além do III Colóquio Internacional do INCT em Portugal, estive presente em outros eventos acadêmicos ao lado do InterPeriferias do Futebol, como o IV Colóquio Internacional do INCT, na Argentina, onde apresentei dois resumos expandidos, e a 11.^a SIIPE, evento da UFPel, em que fui autor de dois trabalhos desenvolvidos dentro do projeto.

UFPel, que tratava do futebol amador veterano da cidade de Pelotas, que promoveu treinamentos técnico-táticos e amistosos, além de atividades intercambistas, com os jogadores veteranos de clubes da várzea de Pelotas. O projeto também serviu de ponte para o primeiro contato com o INCT Futebol, onde pude perceber a amplitude e complexidade da rede científica e acadêmica que trata do futebol no Brasil e no exterior. Na seleção inicial para a bolsa não fui contemplado, mas permaneci como voluntário, realizando o sonho de estudar o futebol. Entre as atividades do projeto surgiu a oportunidade de participar de um Colóquio Internacional do INCT, evento de grande relevância para a formação de um graduando. Ao saber dessa possibilidade de participar de um evento sobre futebol em Portugal, fiquei entusiasmado e agarrei a oportunidade, ainda mais que, desde junho de 2025, havia sido contemplado com uma bolsa de Iniciação Científica, oferecida pela Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio Grande do Sul (Fapergs), tendo o professor Fábio Pinto como orientador. Com a bolsa e a possibilidade de um auxílio do Instituto, firmei o compromisso de que iria ao Colóquio em setembro e participaria de todas as atividades, auxiliando no que fosse necessário. Sabia que seria uma oportunidade de encontrar importantes pesquisadores do campo e que abriria possibilidades de pesquisa acadêmica sobre o futebol. A confirmação de diárias internacionais pelo INCT para estadia em Portugal efetivou meu compromisso como colaborador do evento e integrante da equipe de organização, dando o suporte para a equipe coordenada pela Dra. Carmen Rial. Minha função passou a ser de registro e transmissão das atividades via canal do INCT, no *YouTube*.⁹ Era impressionante o que estava acontecendo. Pela primeira vez na minha vida, iria atravessar o Oceano Atlântico junto a uma equipe de pesquisadores para auxiliar no III Colóquio Internacional do INCT Futebol, em Portugal, um importante marco no cenário acadêmico envolvendo futebol.

9 A página do canal do INCT Futebol no YouTube, onde se encontram as transmissões ao vivo das palestras e mesas redondas feitas durante o Colóquio, está disponível em: <https://www.youtube.com/@INCTFutebol>. Acesso em: 20 fev. 2026.

Atônito com o que estava conhecendo, pela oportunidade recebida, mas também conquistada ao encarar o desafio de estudar numa outra cidade, em Pelotas, e me dedicar com afinco aos estudos na ESEF-UFPel, resolvi registrar cada passo dessa aventura lusitana. A primeira, espero, de muitas. Os registros etnográficos que seguem também estão demarcados no campo da pesquisa (auto)biográfica e no método pesquisa-formação, o mesmo utilizado nas pesquisas do projeto unificado InterPeriferias do Futebol, coordenado pelo professor Fábio. Assim, o capítulo que segue se encaminha para a descrição e um conjunto de reflexões sobre a experiência de ir aos estádios portugueses em diferentes aspectos e vieses, esta que foi uma das atividades proporcionadas pelo evento, mas que contou também com minha própria iniciativa de priorizar uma imersão mais profunda no mundo futebolístico português, aproveitando ao máximo a estadia em Portugal.

O presente capítulo vai além do simples relato sobre as visitas – cada uma vivenciada em circunstâncias distintas – aos três principais estádios e complexos esportivos de Portugal. Para além da apresentação de informações estruturais, arquitetônicas, sociais e referentes às dinâmicas do cenário nacional, considera-se aqui a experiência vivida em seu sentido mais amplo, aproximando-a da noção de *Erfahrung* desenvolvida por Walter Benjamin (Benjamin, 2012). Para o autor, a experiência autêntica não se reduz ao mero acúmulo de impressões imediatas (*Erlebnis*), mas envolve um processo de memória, compartilhamento e elaboração que confere profundidade às vivências. Nesse sentido, as visitas descritas neste capítulo são tomadas como experiências que se constroem na relação entre passado e presente, entre percepções subjetivas e camadas históricas, permitindo compreender como cada estádio mobiliza sensações, memórias e significados de maneira singular ao longo de cada percurso realizado. Sensações e percepções próprias ao longo de cada experiência vivida são expressas constantemente ao longo do capítulo, num diálogo com o orientador do estudo, para quem dirijo o relato e respondo questões formuladas com a intenção de promover a minha reflexão e a formação no campo esportivo numa perspectiva sociocultural.

Chegada em Lisboa e visita ao Alvalade

O III Colóquio Internacional estava prestes a ocorrer, agendado para iniciar em 29 de setembro de 2025. Eu e os professores Fábio Pinto, Luiz Carlos Rigo (ESEF/UFPEL) e Luciano Jahneka (Udelar/Uruguay) combinamos de nos encontrar no Aeroporto Salgado Filho, em Porto Alegre, para o embarque internacional que nos levaria a Lisboa, cidade onde teria início o evento.¹⁰ O voo de ida ocorreu no dia 28 de setembro, sábado, às 22h25, e chegamos em Lisboa ao meio-dia do horário local, no domingo. Nos dois primeiros dias, na segunda e na terça-feiras, estavam agendadas atividades em Lisboa, e resolvemos nos hospedar na capital, para depois seguir rumo a Coimbra, para as atividades na quarta-feira. Logo na chegada, com os professores ainda se instalando no hostel escolhido para ser nosso dormitório no centro de Lisboa, começou a “apitar” meu lado fanático pelo futebol e por conhecer estádios e clubes. Estávamos hospedados a aproximadamente sete quilômetros do Estádio José Alvalade, do Sporting Clube de Portugal (Sporting CP). Devido ao cansaço da viagem, os professores optaram por descansar para o dia seguinte. Eu não resisti à tentação de jovem apaixonado por futebol, que sempre sonhou em conhecer os estádios do Velho Continente e que sempre assistiu ao futebol europeu pela televisão; logo solicitei uma corrida de aplicativo até o Estádio José Alvalade para tentar realizar uma visita guiada ao estádio e ao museu do clube, a fim de conhecer mais sobre a história do clube responsável pela formação de Cristiano Ronaldo, Luís Figo, Bruno Fernandes, Rúben Dias, Nuno Mendes e tantas outras figuras emblemáticas do futebol mundial. Cheguei nos portões do estádio aproximadamente às 15h30 e comprei meu bilhete para a visita ao estádio e ao Museu Sporting. Foi uma tarde inesquecível, em que pude mergulhar na história de um tradicional clube europeu. O estádio e o museu do Sporting CP, juntos, constituem elementos centrais

¹⁰ Vale ressaltar que o evento foi de caráter itinerante, aconteceria em três cidades: Lisboa (a capital do país), Coimbra e Porto (mais ao norte de Portugal).

da identidade simbólica, histórica e cultural do clube. Mais do que uma rica infraestrutura desportiva, ambos configuram espaços de memória coletiva, sociabilidade e afirmação institucional, articulando práticas do ato de torcer, patrimônio arquitetônico e uma grande narrativa museológica.

A visita que fiz ao complexo permitiu compreender como o clube constrói e projeta sua história no espaço urbano e no imaginário do esporte português. Fundado em 1906, o Sporting CP consolidou-se, ao longo do século XX, como uma das principais instituições desportivas do país, caracterizando-se pela pluralidade de modalidades e pela centralidade do futebol em sua projeção nacional e internacional (Serrado, 2010; Melo, 2012). A expansão institucional do clube esteve diretamente associada a investimentos contínuos em infraestrutura, processo que culminou na construção do atual Estádio José Alvalade, inaugurado em 2003, em substituição ao recinto original, de 1956 (UEFA, 2004).

Embora inaugurado no início do século XXI, o estádio apresenta características técnicas e funcionais que reforçam uma percepção de modernidade acentuada, especialmente no que diz respeito à organização interna, aos sistemas de circulação e às soluções de conforto para o público. Essa concepção aproxima o José Alvalade de arenas multifuncionais contemporâneas, alinhadas aos padrões internacionais estabelecidos para grandes eventos esportivos (John; Sheard; Vickery, 2007).

O estádio integrou o conjunto de estádios que sediaram o Campeonato Europeu de Futebol de 2004 (Eurocopa 2004), realizado em Portugal, incluindo partidas decisivas da competição, o que contribuiu para ampliar sua projeção internacional e reafirmar sua centralidade no cenário futebolístico europeu (UEFA, 2004). A associação do recinto a esse evento consolidou sua imagem como infraestrutura compatível com exigências técnicas, logísticas e midiáticas de competições de alto nível.

Do ponto de vista arquitetônico, o projeto do Estádio José Alvalade foi concebido por Tomás Taveira como parte de um empreendimento urbano mais amplo, o Alvalade XXI, que articula espaços desportivos, comerciais e de lazer. Essa proposta reflete uma tendência contemporânea de

integração entre equipamentos esportivos e dinâmicas urbanas cotidianas, transformando o estádio em um polo multifuncional inserido na malha da cidade (Bale, 1993; John; Sheard; Vickery, 2007). Com capacidade próxima a 50 mil espectadores e em conformidade com os regulamentos da UEFA, o estádio foi planejado não apenas para eventos esportivos, mas também para espetáculos culturais, beneficiando-se de soluções acústicas e de gestão de fluxos internos adequadas a usos diversos (UEFA, 2004).

A estética original do estádio, marcada por cores intensas e elementos decorativos exteriores, suscitou debates no campo da arquitetura e entre os adeptos do clube. Em anos posteriores, intervenções e ajustes visuais buscaram alinhar o equipamento às cores tradicionais do Sporting, em um processo de ressignificação simbólica do espaço que acompanha a evolução da identidade institucional do clube e de sua relação com a memória coletiva dos torcedores.

Ao longo do século XX, a expansão do clube impulsionou investimentos constantes em infraestrutura, culminando na construção do atual estádio, inaugurado em 6 de agosto de 2003. Vale ressaltar que, embora o novo estádio seja do começo da década, ele parece ter sido construído ainda mais recentemente, pela sua tecnologia interna. A modernidade e luxo do estádio me impressionaram, podendo ser comparada com as arenas brasileiras mais modernas, como as construídas para sediar a Copa do Mundo em 2014. A partida inaugural do estádio foi uma vitória sobre o Manchester United pelo placar de 3 a 1, que ganhou notoriedade por marcar também a despedida simbólica de Cristiano Ronaldo antes de sua transferência para o clube inglês. O primeiro gol no novo José Alvalade foi marcado por Luís Filipe nesta partida de inauguração, fazendo com que ele se tornasse referência recorrente na memória dos torcedores do Sporting. A participação do estádio no Campeonato Europeu de 2004, a chamada Eurocopa, recebendo inclusive uma das semifinais, consolidou sua dimensão europeia e ampliou a visibilidade internacional do clube. Nos últimos anos, reformas estruturais e estéticas têm sido implementadas para modernizar o recinto, melhorar o conforto dos espectadores e reforçar a coerência visual do

complexo, num movimento contínuo de atualização arquitetônica. Sua estética original – marcada por cores vibrantes e mosaicos exteriores – gerou debates entre arquitetos e adeptos e, nas décadas seguintes, o clube implementou reformas que aproximaram a identidade visual do estádio às cores tradicionais verde e branco.¹¹ Durante a visita no Alvalade eu estava com uma camisa do Vasco da Gama, e enquanto eu estava dentro das dependências do estádio com o grupo, esperando o horário da visita iniciar, o guia que realizaria o *tour* conosco reconheceu a camisa do Vasco, que é um clube com raízes e origens identitárias portuguesas muito fortes, e veio falar comigo, citando o clube e perguntando se eu era brasileiro. Ficamos aproximadamente 5 minutos à espera do horário conversando sobre o futebol brasileiro. O nome dele é João Nuno e é um torcedor fanático pelo Sporting CP, foi uma experiência muito interessante conversar com um adepto português logo naquele momento, em que fazia 3 horas que eu havia chegado ao país. O Museu Sporting integra o complexo arquitetônico, funcionando como espaço curatorial dedicado à trajetória multidesportiva do clube. A instituição expõe troféus, documentos, equipamentos históricos, fotografias e recursos multimídia que narram conquistas desde 1906 até a atualidade. Enquanto dispositivo educativo e patrimonial, o museu permite compreender o papel do Sporting como agente desportivo e cultural, reforçando a dimensão eclética da instituição e destacando personalidades que contribuíram para a sua consolidação. A relação entre museu e estádio, geograficamente integrados, fortalece a construção de uma identidade contínua entre passado, presente e projeção futura do clube. É impressionante como você, conforme se aproxima das redondezas do estádio, passa a

11 Além do material da própria visita ao estádio, informações sobre a inauguração do estádio, partida inaugural, primeiro gol e reformas recentes foram consultadas em fontes institucionais e informativas, incluindo o site oficial do Sporting CP, a *Wikipedia* (verbete “Estádio José Alvalade”) e a plataforma *Flashscore*. Disponível em: <https://www.sporting.pt/pt/clube/infraestruturas/estadio-jose-alvalade>; https://pt.wikipedia.org/wiki/Est%C3%A1dio_Jos%C3%A9_Alvalade; <https://www.flashscore.com/stadium/jose-alvalade/006zGQ3B/>. Acessos em: 8 nov. 2025.

sentir e respirar o Sporting. O bairro inteiro vibra muito na mesma sintonia do clube, e o entorno do estádio é como um espaço de reforço identitário dos chamados “leões”. Nesse sentido, o estádio se configura como arena simbólica na qual se articulam emoções, performances coletivas e vínculos culturais que ultrapassam o domínio do futebol, integrando dimensões afetivas, turísticas e urbanas. Muitos detalhes do museu do estádio transformam a visita em uma experiência única, por exemplo, uma área que expõe apenas materiais e itens do antigo estádio do Sporting CP, assim como as escadas que separam o vestiário do campo, que são originais, revitalizadas, do antigo estádio do clube.

Naquela tarde de domingo retornei emocionado ao hostel. A ficha estava caindo, a ficha do que eu estava vivendo, a ficha do tamanho do privilégio de estar onde eu estava para participar daquele evento. Vale aqui ressaltar ainda que, no domingo, no dia 5, após a última atividade do III Colóquio, uma viagem de trem entre Porto e Lisboa, em que retornei ao José Alvalade para assistir à partida entre Sporting CP e SC Braga, válida pelo campeonato nacional. Nesta oportunidade, pude viver o estádio pulsando, com seus torcedores, parte integrante dessa grande obra cultural. Um detalhe relevante é que o João Nuno também foi peça importante para eu conseguir estar neste jogo, pois, sete dias antes, no dia da visita ao José Alvalade, falei para ele que eu estava já pensando em ir à partida, pois seria no domingo seguinte, dia 5, quando eu já estaria de volta a Lisboa, após o encerramento do evento. Perguntei a ele, um grande conhecedor do clube, como funcionava para comprar ingresso para a partida sendo adepto (torcedor comum, não sócio), e de forma solícita ele me orientou, explicou como funcionavam as ondas de vendas dos ingressos para partidas do Campeonato Português e facilitou minha compreensão para que eu pudesse, dias depois, adquirir minha entrada. Aquela tarde também representou e escancarou um sentimento de despedida enorme. Sete dias após eu ter chegado em Lisboa pela primeira vez, eu estava novamente no estádio do Sporting CP, mas dessa vez para acompanhar uma partida entre dois dos mais tradicionais clubes de Portugal. Na medida em que se instaurava este

sentimento, também havia uma sensação de começo de uma nova trajetória, a partir do momento em que tive meu primeiro contato com um evento acadêmico internacional e com pesquisadores da área na qual eu desejava me inserir. Comecei naquele momento a marcar presença nesses momentos e a amadurecer ainda mais a ideia de trabalhar com o futebol diretamente na minha formação acadêmica.

Estádio da Luz e a experiência acadêmica

O III Colóquio teve início na segunda-feira, 29 de setembro. Na programação estava previsto o início das atividades com uma visita técnica ao Museu Benfica – Cosme Damião, ao acervo patrimonial do Sport Lisboa e Benfica (SL Benfica), e tudo começando pelo Estádio da Luz. Na sequência, pela tarde, uma cerimônia de abertura e conferências com a participação de diferentes pesquisadores brasileiros e portugueses estavam previstas nas próprias dependências do SL Benfica, no auditório do museu.

Acordamos cedo, tomamos café e pegamos o metrô, aproximadamente às 8h da manhã, rumo ao norte da cidade onde localiza-se o Estádio da Luz, para encontrar com o grupo de pesquisadores, membros do INCT e convidados. A visita teve início às 9h e foi incrível pelo que o estádio proporciona, mas também pela hospitalidade e pelo acolhimento da equipe científica e gestora dos arquivos e do próprio museu. Conhecemos as arquibancadas do estádio e depois descemos ao gramado, algo que me proporcionou sensações que lembro como se fosse hoje e provavelmente levarei comigo por muito tempo. Descer as escadarias do Estádio da Luz em direção à “relva” – como os portugueses chamam o gramado – foi mais um daqueles instantes de realização pessoal. Ali, me conectei e me senti novamente ligado à criança Guilherme, o menino apaixonado por futebol, que permanece comigo.

O SL Benfica é um clube central na história do futebol português, e a sua trajetória se entrelaça com a evolução do Estádio da Luz, símbolo identitário e palco de grandes feitos desportivos. Fundado em fevereiro de

1904 por entusiastas do futebol em Belém, o clube, então chamado “Sport Lisboa”, adotou desde o início as cores vermelho e branco, bem como a águia como emblema (que perdura até hoje), transmitindo valores de autoridade nobre, representando independência. A fusão com o Grupo Sport Benfica, em 1908, consolidou a identidade visual do clube, mantendo a proeminente da águia no escudo e incluindo também o lema “*E pluribus unum*” e o símbolo da roda de bicicleta (herança do ciclismo) sobre uma bola de futebol. conforme relata a própria instituição¹², ilustrando a sua história multifacetada. Outro aspecto cultural significativo, que nós pudemos presenciar durante a visita ao gramado, são as águias reais que sobrevoam o Estádio da Luz antes dos jogos. A principal delas, chamada “Vitória”, integra um rito simbólico que reforça a conexão entre a identidade benfiquista e os valores do poder e da liberdade. Ambas as águias são consideradas um patrimônio do clube e sempre estão na “Luz”, defendendo os valores do SL Benfica. A águia Vitória, mascote oficial, realiza seu voo ritualístico sobre o estádio antes dos jogos em casa, criando uma atmosfera solene e simbólica. É inusitado chegar tão perto das águias durante o momento de caminhar pelos arredores do gramado, tamanha a imponência desses animais e a sua representatividade ao clube. Após o momento de conhecer as águias, fomos ao lado dos bancos de reservas, onde sentam os atletas em dias de jogos, e em seguida demos uma rápida passada pelos vestiários, onde os atletas se reúnem antes e após as partidas. Outro momento de realização foi este, de circular onde grandes jogadores da história do futebol europeu circularam por muito tempo, inclusive jogadores brasileiros que marcaram época jogando pelo Grêmio, meu clube do coração, quando eu já acompanhava, como Jonas, Éverton Cebolinha, entre outras figuras da história recente do futebol brasileiro. O Jonas, inclusive, se tornou um dos ídolos da história recente do clube, tendo chegado à marca de ser o segundo maior artilheiro

12 Cf. SL Benfica – site oficial: <https://www.slbenfica.pt/pt-pt/instituicao/clube/historia/simbolos>. Acesso em: mar. 2026.

não português da história do clube, segundo o rapaz que lá trabalha e estava nos acompanhando na visita guiada às dependências do estádio.¹³

O estádio foi inaugurado em 25 de outubro de 2003, com um amistoso entre o SL Benfica e o Club Nacional do Uruguai, vencido pelos anfitriões por 2 a 1. Esta nova arena substituiu o antigo local, também chamado Estádio da Luz, inaugurado em 1.º de dezembro de 1954 e demolido para dar lugar à nova arena adjacente, muito mais moderna, comportando melhor a multidão torcedora e apaixonada do Benfica. O antigo estádio, caracterizado por sua grande capacidade – chegou a abrigar cerca de 120 mil pessoas – foi considerado um dos maiores da Europa em seu tempo. A demolição desse “velho” estádio marcou o fim de uma era e permitiu a construção de uma infraestrutura mais moderna e versátil.

O novo Estádio da Luz foi projetado pela empresa Populous (antiga HOK Sport) e custou aproximadamente € 160 milhões, dos quais parte foi financiada pelo Estado português em preparação para a Eurocopa de 2004, assim como o José Alvalade também sediou a competição. A sua estrutura incorpora *design* contemporâneo com uma cobertura arquitetônica refinada, assinalando a ambição funcional e estética do clube. A lotação oficial é de cerca de 68.100 espectadores atualmente, após expansões e melhorias. O estádio é classificado pela UEFA como de categoria quatro, o que lhe permite receber grandes eventos internacionais. O estádio foi palco da final da Eurocopa de 2004, entre Portugal e Grécia (4 de julho de 2004), bem como das finais da Liga dos Campeões da Europa em 2014 (Real Madrid *versus* Atlético de Madrid) e em 2020 (Bayern de Munique *versus* PSG).

Culturalmente, o clube e o estádio promovem não apenas o futebol, mas também experiências sociais. As visitas guiadas permitem aos adeptos e visitantes explorarem camarotes, túnel dos jogadores, vestiários e o museu do clube, integrando a vivência desportiva com a memória institucional. O

13 Informações pontuais retiradas de “Sport Lisboa e Benfica”, “Museu Benfica – Cosme Damião,” SL Benfica – *site* oficial. Disponível em: <https://www.slbenfica.pt/pt-pt/museu>. Acesso em: dez. 2025.

Estádio da Luz, casa do SL Benfica, portanto, é um dos mais emblemáticos equipamentos esportivos de Portugal e da Europa, tendo a sua importância excedendo o domínio desportivo: o estádio se consolidou como um marco arquitetônico contemporâneo, um símbolo da identidade benfiquista e um espaço de referência cultural para a cidade de Lisboa. A história do clube, profundamente entrelaçada com a evolução social e urbana do país, contribui para que o estádio seja interpretado tanto como uma arena esportiva quanto como um lugar de memória coletiva e afirmação cultural. O SL Benfica mantém uma base social popular, marcada por forte identificação comunitária e uma narrativa de grandeza sustentada em conquistas desportivas, mobilização social e construção de um imaginário de “maior clube português”. A crescente expansão de torcedores ao longo do século XX levou à necessidade de estádios cada vez maiores, culminando no antigo Estádio da Luz, inaugurado em 1954. O estádio, então considerado o maior da Europa, se tornou um ícone nacional, especialmente pela sua monumentalidade arquitetônica e pela atmosfera criada durante as competições que o clube disputava. Com a modernização do futebol europeu e as exigências da UEFA para a realização de grandes competições, tornou-se fundamental adaptar o complexo às novas demandas de segurança, acessibilidade e funcionalidades. Assim, em 2003 foi inaugurado o novo Estádio da Luz, projetado pelo arquiteto Damon Lavelle, do escritório HOK Sport. A preocupação central foi estabelecer uma arena moderna, flexível e tecnologicamente avançada, capaz de oferecer maior conforto ao público e atender às diretrizes internacionais, sem abandonar o sentido simbólico que o estádio sempre representou para os torcedores. A estética da cobertura em forma de arco e o uso predominante do vermelho evocam diretamente a identidade do clube, reforçando a integração entre arquitetura e cultura institucional. O arco que se forma é o principal diferencial, esteticamente falando, que o Estádio da Luz apresenta em relação às outras arenas europeias, criando um visual muito bonito e irreverente. Além do aspecto arquitetônico, a dimensão cultural do estádio se manifesta na forma como ele organiza experiências sociais e afetivas. O Estádio da Luz é reconhecido

pela atmosfera singular nos dias de jogo, frequentemente descrita como vibrante e intensa, e marcada por rituais próprios, como o voo da águia Vitória antes do início das partidas. Esse ritual, introduzido na era do novo estádio, reforça elementos identitários ligados ao símbolo do clube e aos ideais de força, liberdade e grandeza. A relação do estádio com sua comunidade torcedora também é marcada pela participação ativa dos adeptos em movimentos, canções e demonstrações coreografadas que fortalecem o sentimento de pertencimento.

O complexo ainda abriga o Museu Benfica – Cosme Damião, como comentei anteriormente, que é um verdadeiro acervo cultural do futebol português e europeu. Do estádio, passamos para a visita ao museu. Inaugurado em 2013, o espaço desempenha papel significativo na preservação da memória institucional. O museu apresenta uma narrativa histórica que articula conquistas esportivas, personagens fundamentais e a evolução do clube ao longo das décadas. Por meio de acervos interativos, documentos, imagens e objetos emblemáticos, o espaço contribui para consolidar o Benfica como um fenômeno cultural que ultrapassa as fronteiras do futebol. A musealização da história benfiquista reforça o entendimento do estádio como um lugar de memória viva, em que passado, presente e futuro se conectam na construção da identidade torcedora. Outro aspecto relevante é o impacto do Estádio da Luz na dinâmica urbana de Lisboa. Situado na zona de Benfica, o equipamento influenciou transformações na mobilidade, no comércio local e na circulação de torcedores e visitantes provenientes de diversas regiões do país e do mundo. A realização de eventos internacionais, como a final da Liga dos Campeões da UEFA em 2014 e em 2020, reforçou o posicionamento do estádio como infraestrutura estratégica para o turismo esportivo e para a projeção internacional da cidade. Após a visita ao Museu Benfica – Cosme Damião, almoçamos no restaurante Luz By Chakal, reconhecido em Lisboa também pela fama do *chef* argentino Chakal. Localizado dentro do complexo do Estádio da Luz, favoreceu a logística de pesquisadores, palestrantes, colaboradores e participantes do Colóquio almoçarem juntos no restaurante, simbolizando

aquele um momento de descontração, confraternização e preparação para os próximos dias, para as apresentações e palestras. Meu pedido foi uma sopa de crustáceos no valor de 6,50 euros, que estava excelente, mas havia também pratos individuais por volta de 45 euros. O almoço marcou uma pausa no dia de programação do evento e antecedeu a tarde de atividades e apresentações.

Às 12h45, aproximadamente, eu e o professor Fábio saímos antecipadamente do restaurante e fomos para o auditório do museu para organizar tudo antes da abertura do evento: montar toda a logística, as mesas, cadeiras, microfonia, os equipamentos, testes, enfim, deixar tudo em ordem para evitar imprevistos ou atrasos. O historiador Pedro Amorim, do Centro de Documentação e Informação do SL Benfica, foi sujeito fundamental nesse primeiro dia do Colóquio, por nos receber e apresentar as dependências do Estádio da Luz e mediar todos os processos dentro do clube. Essa foi minha primeira atividade propriamente dita como colaborador na logística do evento, estando por trás da transmissão ao vivo das falas dos pesquisadores e palestrantes, registrando vídeos, imagens e produzindo materiais para as redes do INCT. O auditório estava cheio, e os olhares estavam todos direcionados para o palco. O antropólogo Roberto DaMatta realizou a conferência de abertura e situou o debate sobre os estudos do futebol no Brasil, do qual é um dos pioneiros, que remontam os anos 1980, especialmente pela célebre obra *Universo do futebol*, coordenado por ele e que conta com importantes pesquisadores como Simoni Lahud Guedes, Arno Vogel e Luiz Felipe B. N. Flores. Nesta obra, o futebol, assim como o Carnaval, é apresentado como algo maior que o jogo, como dramatização social e importante vetor da identidade nacional (DaMatta, 1982). Esta tarde ainda contou com duas mesas-redondas protagonizadas por pesquisadores de Portugal e do Brasil, realizadas nesse espaço versátil e moderno, ambiente imerso na história do clube. As atividades foram transmitidas como programado, e o objetivo do primeiro dia foi plenamente alcançado. Momento importante que instaurou uma dinâmica que fez parte da realização daquela viagem.

Em síntese, o Estádio da Luz e o SL Benfica representam um conjunto multifacetado de expressões históricas, arquitetônicas, simbólicas e sociais. O estádio não é apenas o espaço de prática esportiva, mas também um território carregado de significados e experiências que contribuem para a leitura da cultura futebolística portuguesa e para a compreensão do papel social que clubes como o Benfica desempenham na contemporaneidade. Minha intenção, sem dúvida nenhuma, é retornar assim que possível.

Na terça-feira, dia 30, tivemos a manhã livre de atividades acadêmicas, com uma programação que previu a visita à Cidade do Futebol, sede da Federação Portuguesa de Futebol, e depois, ao fim da tarde, rumar a Coimbra. Embora não seja o foco deste capítulo, eu não poderia deixar de mencionar a visita à Cidade do Futebol, situada em Oeiras. O complexo foi inaugurado em 2016, é o centro técnico e administrativo da Federação Portuguesa de Futebol. O complexo reúne três campos de treino em padrão FIFA, um edifício de apoio com ginásios, áreas médicas, salas de análise e recuperação, além da sede institucional da FPF. A organização do espaço privilegia a integração das atividades das seleções nacionais, oferecendo infraestrutura para treinos, concentração, acompanhamento físico e preparação tática. Com arquitetura contemporânea e funcional, o conjunto foi projetado para centralizar operações, modernizar processos e reforçar a autonomia do futebol português num único espaço dedicado exclusivamente ao alto rendimento. Além de tudo, há um museu muito rico dentro do complexo, com muita história do futebol português, um verdadeiro acervo com bolas, chuteiras, camisas, flâmulas e objetos muito específicos e representativos para o desporto luso. Para nós, que somos brasileiros, fizemos a seguinte associação: a Cidade do Futebol é para a FPF o que a Granja Comary é para a CBF, sendo essa uma relação para melhor mensuração do que é este complexo. O evento contou com a mediação da antropóloga Dra. Lúcia Alegrias, responsável pelo acervo, que conduziu toda nossa comitiva e proporcionou um *tour* pelas instalações com apresentação do acervo, das salas e dos profissionais que atuam na sua equipe. Depois da visita, os pesquisadores se reuniram no ônibus do evento e se deslocaram para Coimbra,

onde seria realizada a continuidade dos trabalhos. Ao chegar em Coimbra, por volta de 19h15, fui diretamente para a minha acomodação, para me preparar para o terceiro dia.

Estádio do Dragão – Porto versus Estrela Vermelha

Na quarta-feira, as atividades foram realizadas na Universidade de Coimbra. Com pouco tempo, não pude visitar o Estádio Municipal Cidade de Coimbra, com capacidade para cerca de 30 mil pessoas. Logo na quinta-feira, dia 2 de outubro, viajamos para a cidade do Porto, com uma pequena parada em Aveiro para um café. O encerramento do evento previu atividades na Universidade Fernando Pessoa, a maior da cidade do Porto. Fiquei sabendo que, naquele mesmo dia, o Futebol Clube do Porto (FC Porto) e o Estrela Vermelha, da Sérvia, iriam se enfrentar, pela Liga Europa, no Estádio do Dragão. O estádio localiza-se a dois quilômetros da Universidade Fernando Pessoa, e as atividades estavam previstas para terminarem às 19h do horário local, uma hora antes do início da partida. Ao me certificar de que as chances de conseguir ir ao jogo eram grandes, semanas antes da viagem, consultei os professores e, com autorização deles, comprei meu ingresso para a partida. No momento da compra, a emoção já tomou conta, não parecia real o fato de que eu estava comprando ingresso para uma partida da UEFA Europa League.

Mesmo não tendo certeza de que haveria tempo viável para chegar ao estádio até o início da partida, devido a algum possível atraso na programação do evento, resolvi pagar para ver, pois esta era a grande oportunidade. Era uma realização singular que estava ao alcance e por se tornar realidade. O evento finalizou suas atividades, e às 19h20 eu já havia encerrado a transmissão, feito a entrega dos materiais e já pronto em frente à universidade solicitando a corrida de aplicativo rumo ao Estádio do Dragão. Naquele momento, começou a cair a ficha de que eu iria assistir a uma partida na Europa, de um campeão da UEFA *Champions League*. O trânsito em Porto estava um verdadeiro caos, devido ao horário, em que

naturalmente já potencializaria o tráfego, também por conta da partida. O Dragão fica em uma zona central de Porto, então, em dias de jogos de grande apelo, com ingressos esgotados e lotação máxima, como era o caso daquela partida contra o Estrela Vermelha, a cidade fica muito movimentada e de difícil locomoção. Devido a isso, demorou demais para ser aceita a corrida no aplicativo, e os dois quilômetros até o estádio levaram 25 minutos para serem percorridos, fazendo com que eu chegasse ao destino já com 10 minutos de bola rolando. O fato de eu ter chegado com a partida já em andamento não diminuiu em nada a sensação de subir as escadas da arquibancada, ouvir os adeptos cantando e olhar para aquele gramado e para aquele estádio abarrotado com 45 mil pessoas. Eu estava pela primeira vez em uma partida de UEFA Europa League, eu estava diante de uma partida do FC Porto. O clichê do “passar um filme na cabeça” se concretizou naquele momento.

As questões que eu gostaria de relatar sobre o Estádio do Dragão baseiam-se justamente nessa minha perspectiva e emoção acerca do fato de estar vivenciando aquilo, além de relatar um pouco da história da partida, assim como percepções em relação à torcida do FC Porto, além, claro, de um pouco sobre a história estrutural e social do estádio.

A partida, em si, tratava-se da segunda rodada da fase de liga da UEFA Europa League, momento inicial da competição. O FC Porto, pelo elenco que tem, entrou na competição como uma das equipes favoritas ao título. Os torcedores do Estrela Vermelha, da Sérvia, encheram o setor visitante do estádio e cantaram muito durante o jogo inteiro. Esse é outro quesito do futebol europeu que eu só conhecia assistindo pela televisão e pude presenciar: as grandes invasões de torcidas visitantes de outros países. Na partida, os torcedores no Estádio do Dragão viram os portugueses levarem a melhor em cima dos sérvios, em um jogo bastante equilibrado e decidido nos minutos finais. O FC Porto abriu o placar cedo, aos 8 minutos de jogo, com um gol de William Gomes, brasileiro ex-jogador do São Paulo, em cobrança de pênalti. O Estrela Vermelha conseguiu o empate ainda no primeiro tempo, aos 33 minutos, com um gol do jovem Vasilije Kostov, que aproveitou uma

sobra na área após cobrança de falta. A partida seguiu intensa e com chances para os dois lados no segundo tempo, com os torcedores do FC Porto começando a perder a paciência e ameaçando começar a vaiar a equipe. Mas o gol da vitória dos donos da casa para garantir os três pontos foi marcado no final do jogo, aos 89 minutos da etapa regulamentar, marcado por Rodrigo Mora, após uma jogada de contra-ataque bem construída, com passe de Pepê, ex-jogador do Grêmio que teve uma ótima passagem quando ainda era uma jovem promessa. Ver um jogador da base gremista brilhar numa equipe europeia também foi algo muito interessante e relevante para mim. Cabe ainda ressaltar uma situação semelhante com a do João Nuno, guia da visita do Estádio José Alvalade, que foi o meu reencontro com um amigo no qual eu não tinha contato há bastante tempo, o Júnior. Ele é brasileiro, mas mora no Porto há aproximadamente 5 anos e tem o FC Porto como um “segundo clube de coração”, estando sempre por dentro do panorama geral da equipe e da instituição e indo frequentemente ao Dragão para assistir às partidas. Devido a isso, já fazia meses que eu conversava com ele sobre este jogo da Europa League, para que ele pudesse me auxiliar e me orientar quando abrissem as vendas dos ingressos e sobre qual seria a forma mais viável para que eu garantisse a minha entrada, visto que era uma partida com uma procura muito alta, válida por uma competição continental.

O jogo em si se associa à atmosfera do estádio, sua infraestrutura, história e tradição. O Estádio do Dragão – chamado intimamente de “Dragão” pelos seus torcedores e canais midiáticos portugueses – foi inaugurado em 2003, muito próximo ao Estádio da Luz e ao Estádio José Alvalade, e também constitui um dos principais marcos arquitetônicos e culturais do futebol português contemporâneo.

Concebido como parte do processo de modernização urbana da cidade do Porto, especialmente no âmbito da preparação para o UEFA Eurocopa de 2004 – vide o Estádio José Alvalade – o Estádio do Dragão se consolidou rapidamente como símbolo da projeção internacional do clube e como referência no desenho de arenas multifuncionais na Europa, aspecto esse

que foi possível observar de muito perto nos outros dois estádios relatados também.

A história do FC Porto, fundado em 1893¹⁴, contribui de maneira decisiva para compreender a relevância simbólica do Dragão. O clube construiu uma identidade particular, caracterizada por forte ligação com o norte de Portugal, marcada por discursos de resistência, trabalho, afirmação regional e oposição às centralidades políticas e esportivas do país. Esse imaginário foi reforçado de forma intensa durante as décadas de 1980 e 1990, um período de ascensão competitiva internacional que resultaria nas conquistas da UEFA Champions League em 1987 e 2004, ampliando o seu papel no cenário futebolístico europeu, época em que o FC Porto foi presidido por Jorge Nuno Pinto da Costa (1982 a 2024) (Nunes, 2025). O Dragão surge com a necessidade de substituir o histórico Estádio das Antas, onde o FC Porto mandou por muito tempo suas partidas e sua estrutura já não atendia por completo às exigências de segurança, conforto e modernização impostas pelas instituições internacionais. A partir disso, o clube iniciou o projeto de construção de uma nova arena. O arquiteto Manuel Salgado foi responsável pelo desenho do estádio, priorizando uma estética leve e contínua, com curvas orgânicas que permitem grande abertura visual, criando uma sensação de amplitude e luminosidade –características que contrastam com os estádios mais clássicos da Europa e reforçam a marca contemporânea da obra. Além disso, a preocupação com acessibilidade, ventilação e integração com o espaço urbano contribuiu para que o estádio fosse premiado e amplamente reconhecido por sua qualidade técnica.

Um ponto que reparei em relação à torcida do FC Porto durante a partida é a identidade de pertencimento que os torcedores têm com o estádio e os arredores. É claro que a estrutura moderna e atual favorece para um grande conforto e bom recebimento de seus adeptos, mas é nítido que aquela região do Dragão respira o FC Porto, e isso é demais. A simbologia

14 Trata-se de uma questão polêmica. Pereira (2018) defende 1893, mas por outro lado também aceita 1906 como data de fundação em sua tese de doutorado.

do “dragão”, inclusive, que dá nome ao estádio e figura no brasão do clube, desempenha papel central na compreensão da dimensão cultural do equipamento. O dragão é tradicionalmente associado a força, resiliência e proteção, valores profundamente incorporados à narrativa identitária do clube do Porto e mobilizados em discursos institucionais e populares. A iconografia do estádio – como a escultura de grandes dimensões localizada na entrada e os elementos gráficos que compõem o interior – reforça essa representação mítica, reforçando o vínculo entre arquitetura e identidade cultural. Ao pesquisar mais a fundo e conversar com torcedores portistas, pude concluir aqui, que o Estádio do Dragão não funciona apenas como uma arena desportiva, mas também como espaço de sociabilidade, memória e experimentação emocional.

A atmosfera gerada pelos adeptos do FC Porto é frequentemente destacada pela literatura em estudos sobre a cultura torcedora portuguesa, sendo descrita como intensa, orgulhosa e marcada por rituais específicos, como cânticos organizados, coreografias e simbolismos visuais que reforçam o caráter comunitário do clube. Isto desempenha papel fundamental na produção de pertencimento, na coesão social entre os adeptos e na intensificação das emoções associadas aos dias de jogo (Giulianotti, 1999; Damo, 2007). Esses dispositivos simbólicos contribuem para transformar o estádio em um espaço de sociabilidade e de expressão cultural, no qual identidades coletivas são continuamente reafirmadas.

No caso do Estádio do Dragão, essas manifestações reforçam o vínculo entre clube, torcedores e território, ampliando a dimensão simbólica do equipamento para além de sua função esportiva. A presença de grupos organizados de adeptos, articulados em torno de práticas coletivas de apoio, insere-se em dinâmicas amplamente observadas no futebol contemporâneo, nas quais a torcida atua como agente ativo na construção da atmosfera do espetáculo esportivo e na afirmação pública da identidade clubística (Giulianotti; Robertson, 2004).

Dentre os três estádios portugueses referidos no capítulo, o Estádio do Dragão foi o único que não acessei pessoalmente o museu, mas fui atrás

de informações na literatura do âmbito museológico do estádio. Segundo muitos que ouvi ao longo do evento, o museu do FC Porto é um dos mais recheados acervos históricos do futebol português, devido também pela representatividade e grandeza continental do clube. Inaugurado em 2013 e integrado ao estádio, o museu contribui para ampliar a centralidade cultural do espaço ao apresentar uma narrativa histórica organizada em torno das conquistas, personagens e momentos emblemáticos do clube. A musealização do futebol, nesse sentido, responde a uma tendência internacional de institucionalização da memória esportiva, na qual clubes transformam seus percursos históricos em experiências expositivas que articulam patrimônio, identidade e consumo cultural (Ramshaw; Gammon, 2005).

Sob essa perspectiva, o museu do FC Porto pode ser interpretado como um dispositivo de memória coletiva, no qual a história do clube é narrada, ritualizada e materializada no espaço. Tal processo aproxima o Estádio do Dragão da noção de “lugar de memória”, entendida como espaço simbólico em que passado, identidade e afetividade se articulam, contribuindo para a consolidação do estádio como território de representação cultural e histórica do clube (Nora, 1984).

Evidentemente não posso deixar de pontuar a representatividade do Dragão para a cidade do Porto e sua sociedade. A presença do estádio também impactou a dinâmica urbana e a economia local da cidade. Estudos sobre desenvolvimento urbano destacam que o Dragão impulsionou uma renovação significativa do entorno, incluindo melhorias em mobilidade, comércio e serviços, bem como uma requalificação do espaço público. Acho válido destacar também o fato de o estádio integrar-se a uma estação de metrô homônima, o que reforça seu papel como polo articulador da circulação de pessoas e de eventos, ampliando a vitalidade urbana da região.

Em síntese, o Estádio do Dragão constitui mais do que uma infraestrutura esportiva: é um equipamento cultural e urbano cuja relevância se expressa na arquitetura, na simbologia, na experiência torcedora e na projeção internacional do FC Porto. Sua análise permite compreender não apenas a evolução das arenas esportivas em Portugal, mas também a

construção de identidades coletivas mediadas pelo futebol. Não posso deixar de citar de novo a sensação que tive ao entrar no estádio e poder assistir a uma partida europeia. Incrível.

Aquele dia foi muito especial, não só devido ao jogo, o momento vivido, algo que sonhei por tanto tempo, mas também pelo fato de ter encerrado o evento e estar concebendo aquilo, que trabalhei em um evento acadêmico de tamanha magnitude, no exterior. Todas as transmissões ao vivo para o Brasil foram bem-sucedidas, e tive a honra de receber elogios dos professores e organizadores do Colóquio. Eu estava realmente muito orgulhoso do que consegui fazer e grato por viver, sentir e experienciar aqueles cinco dias em Portugal. Pude ver bem de perto o lugar que o futebol ocupa no universo acadêmico e na vida social dos portugueses. Tive a oportunidade de conversar com mais de uma dezena de pesquisadores dessa área que tanto me interessa, vide Roberto DaMatta, Francisco Pinheiro, Carlos Nolasco, Caroline Soares, Luciano Jahnecka, Aira Bonfim, António Pinto.

Estar em contato com essas figuras carimbadas da pesquisa em futebol me acendeu ainda mais a percorrer este caminho. Em conversas frequentes com o Luciano e a Carol, eles me disseram para focar nisso, pois tenho muito conhecimento e afinidade com o futebol, inclusive sobre torcidas, campo que a Carol estuda bastante; já o Luciano é professor na Universidad de La República, em Rivera, e dedica-se muito aos estudos do futebol uruguaio. Estes dois grandes pesquisadores do meio foram pessoas com quem eu pude conviver no dia a dia (no ônibus, no metrô, no hotel, nos restaurantes), para além das mesas-redondas e do caráter acadêmico dessa aventura lusitana. Carlos Nolasco é um dos pesquisadores portugueses que participaram do Colóquio, e António Pinto, historiador no Centro de Documentação e Informação do SL Benfica, foi também uma das pessoas que nos receberam nas dependências do Estádio da Luz, na segunda-feira. Roberto DaMatta é uma referência teórica e metodológica, professor respeitado e discutido em inúmeros estudos sobre o futebol no Brasil e no exterior, um dos mais influentes no campo, além de antropólogo e escritor conceituado como poucos. Ao longo da jornada, pude conversar algumas

vezes com ele, e isso me abriu uma série de reflexões e diferentes perspectivas e vieses sobre o futebol como um fato social e cultural que nos permite melhor compreender a vida e a sociedade brasileira.

Considerações finais

É um pouco contraditório escrever este último tópico, porque na realidade não tenho palavras para descrever de forma breve o que representou para mim essa viagem, o que representa para mim essa participação e colaboração em um evento de tamanha magnitude. Poder relatar aqui três experiências distintas que pude ter em estádios de futebol, ambientes que sempre me moveram e me cativaram, é gratificante demais.

Não posso deixar de destacar a bagagem cultural que adquiri durante esses dias em Portugal. Eu nunca havia pisado fora do continente americano, viajar para a Europa foi um movimento que me representou muito do ponto de vista cultural. A experiência no país me proporcionou cada encontro, paisagem e expressão cotidiana, aspectos que trouxeram à tona uma sensação de familiaridade e descoberta, simultaneamente. A convivência com tradições, modos de vida e formas de se relacionar com o espaço urbano e com a história ampliou minha percepção sobre pertencimento, identidade e herança cultural. Foi uma vivência que não apenas apresentou um país, mas expandiu meu entendimento sobre como a cultura se manifesta, se preserva e se transforma.

Do ponto de vista científico, as visitas aos estádios portugueses representaram um marco importante no meu processo de formação inicial de pesquisador e futuros processos de investigação. Observar de perto as estruturas, as dinâmicas de uso, os modelos de gestão e as relações entre esporte, cidade e sociedade ampliou meu repertório analítico. Cada visita revelou possibilidades de abordagem e problematização que eu não vislumbrava apenas pela literatura, abrindo caminhos concretos para futuras pesquisas. Foi uma experiência que não só aprofundou minha compreensão

do tema, mas também expandiu horizontes metodológicos e conceituais para novos estudos.

Muito foi relatado e contado, mas permanecem algumas inquietações: o que os estádios de futebol representam hoje para a história cultural, social e econômica das cidades que os abrigam? Ao mesmo tempo em que preservam memórias e identidades coletivas, até que ponto as modernas arenas têm redefinido a experiência do torcer, transformando paixão em produto e pertencimento em consumo? A reconfiguração desses espaços – agora atravessados por ingressos digitais, plataformas de apostas, reconhecimento facial e fluxos constantes de dados – amplia a imersão e a segurança ou inaugura novas formas de vigilância e exclusão? A quem servem prioritariamente esses estádios multifuncionais que operam como *shopping*, museu e polo gastronômico: à comunidade histórica do entorno ou a um público economicamente selecionado? Em que medida os processos de gentrificação¹⁵, de modernização e elitização dialogam com dinâmicas mais amplas de gentrificação urbana, como discutem autores como John Bale? Como os dias de jogo reorganizam a mobilidade, o comércio e a vida cotidiana da cidade, tensionando segurança e experiência coletiva? E, por fim, ao comparar as lembranças da infância nos estádios tradicionais com a vivência nas grandes arenas contemporâneas, estaríamos diante de uma evolução natural do espetáculo ou da transformação profunda de um espaço que antes era, sobretudo, lugar de encontro popular?

Resta ainda dizer que constatamos a falta de estudos comparados e mais amplos sobre os estádios dos Três Grandes do futebol português, todos eles com origem em um evento comum – o Euro 2004 – e da necessidade latente de melhorias nas instalações esportivas em Portugal, não só em termos de segurança (Neves, 2016) como de infraestrutura. Indicamos

15 A gentrificação é um processo de transformação urbana onde bairros de baixa renda ou áreas históricas valorizadas sofrem intervenções imobiliárias, atraindo moradores de maior poder aquisitivo. Isso gera aumento no custo de vida, forçando a saída de residentes antigos (expulsão branca) e resultando em reconfiguração social, cultural e econômica (Leite, 2015).

a necessidade de descrever e analisar as suas semelhanças, como a sua orientação para o paradigma vigente da infraestrutura esportiva que alia a presença do torcedor, da família e das empresas, numa fusão de áreas do comércio e do lazer (Cunha, 2005, p. 285), as suas individualidades que formam um todo característico e transversal – a acústica, a panorâmica vivida em meio esportivo, por serem verdadeiros segundos lares (Brás; Garcia, 2007, p. 90), a força das cores afirmando as estruturas (Lobão, 2005, p. 283), a potencialização do espetáculo, a luminosidade. As diferenças devem também ser exploradas como meio catalisador de uma caracterização das infraestruturas: a abertura do Estádio do Dragão à cidade, uma intenção arquitetônica (Salgado; Fernandes, 2005, p. 185) de dupla integração estádio-cidade/cidade-estádio; a Luz como sendo o maior e o mais privilegiado estádio para receber finais de competições internacionais em Portugal – uma vitória considerando que a sua construção foi aprovada, iniciada e decorrida sempre *in extremis* temporal (Lobão, 2005, p. 277-279), ou mesmo a modernidade destacada do Alvalade (Florêncio, 2005, p. 63). No fundo, sua caracterização foi, até agora, evidenciada separadamente por enaltecimento de seus próprios torcedores-autores, ou na literatura do direito urbano e da arquitetura que floriu nos anos sucessivos às construções. Urge, quase três décadas volvidas, analisar sua intencionalidade histórica, observando como se processou essa “fase de utilização” do “ciclo da vida” (Morais, 2005, p. 67-89) dessas infraestruturas complexas e quase orgânicas. Avaliar a sua ecologia partilhada, num país que assenta a sua paixão, predominantemente, em três clubes esportivos, aqui mencionados, mostrará o caráter da vivência futebolística (e esportiva).

Referências bibliográficas

ABRAHÃO, Maria Helena Menna Barreto. Pesquisa (auto)biográfica: tempo, memória e narrativas. In: ABRAHÃO, Maria Helena Menna Barreto (org.). *A aventura (auto)biográfica: teoria e empiria*. 201-224. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2004. p. 201-224.

ABRAHÃO, Maria Helena Menna Barreto; PASSEGGI, Maria da Conceição (orgs.). *Dimensões epistemológicas e metodológicas da pesquisa (auto)biográfica*. Natal: EDUFERN; Porto Alegre: EDIPUCRS; Salvador: EDUNEB, 2012. ABRAHÃO, Maria Helena Menna Barreto. A aventura do diálogo (auto)biográfico: narrativa de si/narrativa do outro como construção epistemo-empírica. In: ABRAHÃO, Maria Helena Menna Barreto; CUNHA, Jorge Luiz; VILLAS-BÔAS, Lúcia (orgs.). *Pesquisa (auto)biográfica: diálogos epistêmico-metodológicos*. Curitiba: CRV, 2018. p. 25–50.

ALVES, Eliseu de Mello. *O futebol em Pelotas*. Pelotas: Livraria Mundial, 1984. p. 1901–1941. v. 1.

BALE, John. *Sport, Space and the City*. London: Routledge, 1993.

BENJAMIN, Walter. *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. Tradução de Sérgio Paulo Rouanet. São Paulo: Brasiliense, 2012.

BRÁS, Rui Pedro; GARCIA, Carlos. *Lugares de Leão: Alvalade século XXI*. Lisboa: Prime Books, 2007.

CUNHA, Estrela da. Estádio/Complexo Alvalade XXI. In: CORREIA, Fernando Alves (coord.). *III Colóquio Internacional Os Estádios do Euro 2004: aspectos financeiros, urbanísticos e ambientais* [actas]. Lisboa: Livraria Almedina, 2005. p. 285–300.

DAMO, Arlei Sander. *Do dom à profissão: a formação de futebolistas no Brasil e na França*. São Paulo: Hucitec, 2007.

DAMATTA, Roberto. *Universo do futebol: esporte e sociedade brasileira*. Rio de Janeiro: Pinakothke, 1982.

FLORÊNCIO, António. *O sonho comanda a vida: o Euro 2004 de Aachen ao Estádio da Luz*. Lisboa: Federação Portuguesa de Futebol, 2005.

GIULIANOTTI, Richard. *Football: A Sociology of the Global Game*. Cambridge: Polity Press, 1999.

GIULIANOTTI, Richard; ROBERTSON, Roland. The globalization of football: A study in the glocalization of the “serious life”. *The British Journal of Sociology*, v. 55, n. 4, p. 545–568, 2004.

JOHN, Geraint; SHEARD, Rod; VICKERY, Ben *Stadia: a design and development guide*. Oxford: Architectural Press, 2007.

LAUB, Michel. *O segundo tempo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

LEITE, Rogerio Proença. Cities and Gentrification in Contemporary Brazil. *Current Urban Studies*, v. 3, n. 3, p. 175–186, 2015. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/282450725_Cities_and_Gentrification_in_Contemporary_Brazil. Acesso em: 30 abr. 2026.

LOBÃO, António Cortez de. Novo Estádio da Luz. In: CORREIA, Fernando Alves (coord.). *III Colóquio Internacional Os Estádios do Euro 2004: aspectos financeiros, urbanísticos e ambientais* [actas]. Lisboa: Livraria Almedina, 2005. p. 277–283.

MASCARENHAS, Gilmar. A febre do futebol: gênese e difusão planetária de uma inovação. In: MASCARENHAS, Gilmar. *A bola nas redes e o enredo do lugar: uma geografia do futebol e de seu advento no Rio Grande do Sul*. 2001. 297 f. Tese (Doutorado em Geografia Humana) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2001.

MELO, Victor Andrade de. *Esporte, cidade e modernidade*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2012.

MORAIS, Paula Cândida Pereira. Aspectos gerais dos estádios do Euro 2004. In: CORREIA, Fernando Alves (coord.). *III Colóquio Internacional Os Estádios do Euro 2004: aspectos financeiros, urbanísticos e ambientais* [actas]. Lisboa: Livraria Almedina, 2005. p. 57–89.

NEVES, José Manuel Viegas. O desporto enquanto paz: contributo para a história de uma ideia. *EFDeportes.com Revista Digital*, ano 20, n. 214, [s.p.], 2016. Disponível em: <https://www.efdeportes.com/efd214/o-desporto-enquanto-paz.htm>. Acesso em: 30 abr. 2026.

NORA, Pierre (ed.). *Les lieux de mémoire*: La République. Paris: Gallimard, 1984. v. 1.

NUNES, João Sedas. Pinto da Costa, a man of (both) old and new football ways. *Soccer & Society*, v. 26, n. 2, p. 388–393, 2025. Disponível em: <https://doi.org/10.1080/14660970.2024.2446069>. Acesso em: 30 abr. 2026.

OLIVEIRA, Fernanda Paula; LOPES, Dulce. Dos estádios aos equipamentos desportivos: trilhos para uma evolução. In: CORREIA, Fernando Alves (coord.). *III Colóquio Internacional Os Estádios do Euro 2004: aspectos financeiros, urbanísticos e ambientais* [actas]. Lisboa: Livraria Almedina, 2005. p. 39–56.

PEREIRA, Ricardo Costa. *O futebol português no tempo da I República (1910–1926)*. Tese (Doutorado em História), Universidade do Porto, 2018.

PINTO, Fábio Machado. “Bueno, é golo”: lembranças de um projeto e desejo de ser jogador. In: RICHTER, Ana Cristina; BASSANI, Jaison José (orgs.). *Memórias do futebol: infâncias em jogo*. Curitiba: Brazil Publishing, 2020. p. 31–48.

PINTO, Fábio Machado; LARA, Ricardo; VAZ, Alexandre Fernandez (orgs.). *Interperiferias do futebol: o que o futebol nos ensina sobre o viver na sociedade contemporânea?* Pelotas: Ateliê da Casa, 2024.

QUELHAS, Rui. Estádios do Dragão e do Bessa. In: CORREIA, Fernando Alves (coord.). *III Colóquio Internacional Os Estádios do Euro 2004: aspectos financeiros, urbanísticos e ambientais*. Lisboa: Livraria Almedina, 2005. p. 253–270.

RAMSHAW, Gregory; GAMMON, Sean. More than just nostalgia? Exploring the heritage/sport tourism nexus. *Journal of Sport Tourism*, v. 10, n. 4, p. 229–241, 2005.

SALGADO, Manuel; FERNANDES, Fátima (orgs.). *O projecto urbano das Antas*. Porto: Civilização, 2005.

SERRADO, Ricardo. *História do futebol português: das origens ao 25 de Abril – uma análise social e cultural*. Lisboa: Prime Books, 2010. v. 1.

UNION of European Football Associations (UEFA). *UEFA EURO 2004™ Portugal – Technical Report*. Nyon: UEFA, 2004.